

3 Terrorismo político

Conforme visto no capítulo anterior, não há consenso sobre o que seja terrorismo, nem sobre as razões desse tipo de manifestação e o seu significado. O desacordo teórico é motivado pelas diferentes formas de abordagem que os autores utilizam quando tratam do assunto. Alguns escritores centralizam sua análise nas causas que provocam o aparecimento do terrorismo, outros preferem examinar os resultados dos atentados, e ainda há os que privilegiam as questões suscitadas pela difusão das imagens de violência. O terrorismo não pode ser compreendido somente pelo conhecimento dos motivos políticos que incitam os atos de violência, nem apenas pelos efeitos imagéticos proporcionados pelos mesmos, pois se constitui como uma combinação desses dois elementos, caracterizando-se como uma forma particular de violência, que pretende alcançar objetivos políticos através do sensacionalismo. Nesse sentido, propõe-se a conceituação de terrorismo a partir de seus dois aspectos fundamentais - conteúdo político e forma espetacular da violência. Com essa definição almeja-se dar conta da generalidade do terrorismo, que pode se apresentar em prol de desígnios políticos diversos; e ao mesmo tempo, compreender a especificidade dessa manifestação diante de outros tipos de violência política como guerras, guerrilhas e revoluções.

Ao considerar conteúdo político e forma espetacular como as características principais do terrorismo, não se alcança um conceito que esteja em oposição às principais explicações propostas sobre o assunto. É possível perceber que os autores que consideram mais as causas políticas do terrorismo privilegiam o que se denomina conteúdo político e aqueles que enfatizam as análises sobre as imagens dos atentados optam por compreender o fenômeno a partir de sua forma espetacular. Desse modo, observa-se que as diferentes definições de terrorismo quando isoladas não contemplam uma compreensão abrangente do assunto, mas adquirem sentido ao conectarem-se entre si.¹

Se os autores analisam ora as causas do terrorismo, ora as conseqüências ou efeitos, nenhum dos textos analisados propõe pensá-lo como combinação desses dois aspectos. A caracterização do terrorismo através de seu conteúdo e forma

¹Para exposição de diversas concepções de terrorismo ver capítulo 2.

visa abranger esses dois pontos destacados a respeito do fenômeno, considerando tanto as intenções dos agentes terroristas, quanto os efeitos dos seus atos.

Acredita-se que o terrorismo fulgura num momento histórico específico, pois somente a partir da contemporaneidade seu aparecimento se tornou possível. As condições favoráveis ao seu desenvolvimento podem ser buscadas na conjuntura política das décadas de 1960 e 1970, da qual provém o seu conteúdo político, e no desenvolvimento técnico dos meios de reprodução midiática, cujos recursos possibilitam a realização da sua forma. Supõe-se que a afinidade do terrorismo com os movimentos guerrilheiros e com a divulgação das imagens está na sua própria origem.

Só nesse momento histórico foi possível associar um projeto político que pretende instaurar mudanças na estrutura político-social vigente através da violência à divulgação das imagens pelos meios de comunicação. Ao combinar o que lhe é próprio - operações violentas, ataques-surpresa, guerra psicológica e de desgaste - com a difusão de imagens propiciada pelo desenvolvimento técnico dos meios de reprodução, a guerrilha começou a operar por terrorismo, isto é, a fazer uso exibicionista da violência que visa alcançar o público e generalizar o pavor para atingir suas metas políticas.

O problema é que esse fenômeno político que surgia ao lado da atividade guerrilheira não foi detectado como novidade. Aliás, esse é um dos fatores responsáveis pelo costume de se considerar guerrilha e terrorismo da mesma maneira. Devido à afinidade entre esses dois tipos de manifestação política, muitos autores não conseguem dissociá-los, dificultando o estabelecimento do significado do terrorismo. Este último é entendido como um recurso da guerrilha, e não, como uma forma particular de atuação política. Quando a prática de atentados se intensifica, alguns escritores acreditam que as guerrilhas perdem de vista seus ideais e tornam-se exclusivamente violentas. Ao invés de admitirem a existência de um fenômeno novo, compreendem o terrorismo como uma espécie de deturpação da idéia original de guerrilha.

Mesmo que não seja possível pensar sobre o terrorismo sem considerar essa sua relação com a guerrilha marxista, seu significado não se restringe à filiação guerrilheira. Um exemplo disso é o fato de haver movimentos que utilizam terrorismo, mas não compactuam com os ideais marxistas. O terrorismo pode ser definido como uma forma específica de política que se desenvolve a partir do

método de uso sensacionalista da violência e mantém a pretensão de instaurar transformações político-sociais. Sendo o terrorismo algo novo, é comum que ao surgir seja comparado àquilo que lhe é semelhante: a guerrilha, que também é um meio de alcançar objetivos políticos relativos à desestabilização da ordem. No entanto, é necessário estabelecer distinções para definir precisamente o que vem a ser terrorismo; para isso será examinado o próprio desenrolar histórico referente ao fenômeno.

Quando empregavam a violência sensacionalista para pressionar os governos a realizar seus desígnios, os guerrilheiros não pensaram estar inventando um novo modo de manifestação política. Entretanto, o exercício comum da violência em vigor na guerra de guerrilhas se tornou gradativamente em alguns casos apenas prática de terrorismo. A partir de um determinado momento é possível distinguir entre as ações discretas das guerrilhas e as atividades exibicionistas do terrorismo; entre execuções de vítimas específicas e anônimas. Estas mudanças iluminam o surgimento das ações terroristas. As bombas detonadas em locais públicos anunciam esse aparecimento e emplacam como a marca registrada dessa atividade, embora existam vários tipos de atentados terroristas.²

O terrorismo toma rumos próprios: o uso da violência simbólica desenraiza-se das concepções manuais de guerrilha e emancipa-se de tal maneira que não é possível entender o terrorismo como uma política radical de esquerdas, mas como um fenômeno político que pode ser executado em prol de políticas diversas. Assim como a mídia supervalorizou a imagem, também o terrorismo preocupou-se progressivamente com a cena, mesmo sem deixar de funcionar politicamente. A generalidade dessa manifestação violenta está relacionada à possibilidade de aplicar-se a diferentes concepções políticas, enquanto a especificidade do terrorismo encontra referência na particularidade formal da violência que exerce. O presente intuito é desenvolver essa conceituação do terrorismo, fundamentada na análise desses elementos que o caracterizam - conteúdo político e forma

²Ao acompanhar as análises de MacLachlan observa-se que além de bombas em locais públicos (trens, aviões, restaurantes, escolas) outro tipo de ação comumente terrorista é a execução de seqüestro, principalmente de aviões, através do qual promove o sensacionalismo. MACLACHLAN, C., *Manual de Terrorismo Internacional*.

espetacular - e esclarecer como ele está relacionado concomitantemente às causas políticas que o justificam e às conseqüências simbólicas que produzem.

3.1 O Conteúdo do terrorismo

O que está sendo entendido aqui como conteúdo é o teor político dos atentados; o caráter do fim subjacente à prática terrorista. Constatase que sempre há um motivo político por trás das ações terroristas. Portanto, as intenções dos agentes, suas pretensões nacionalistas, marxistas ou religiosas garantem a caracterização do conteúdo político do terrorismo. Através desse aspecto é possível distinguir entre o terror casual ou individual e o terrorismo político, caso em que a violência sensacionalista é infligida como meio para alcançar determinados objetivos políticos.

Note-se que o conteúdo político do terrorismo não é propriamente o nacionalismo, o marxismo ou o islamismo, para citar alguns dos discursos políticos atrelados ao exercício dessa violência, mas antes, a determinação de fins políticos a serem atingidos através da violência. Deste modo, os “fins políticos” podem ser diferenciados entre si, já que a constatação das intenções políticas não implica a vinculação do terrorismo a qualquer tipo particular de proposta política. Inclusive, quaisquer que sejam as reivindicações políticas, elas nunca estão atreladas fundamentalmente às táticas terroristas, podendo seu logro ser almejado de diferentes maneiras. Ainda que existam movimentos que pretendam alcançar a libertação nacional, a revolução socialista ou a instauração de um Estado religioso pela via do terrorismo, há grupos com os mesmo intentos que não praticam atentados.

Portanto, a verificação dos discursos políticos não sustenta a classificação “terrorismo”. É a prática de atentados com vista à realização desses desígnios que permite amparar essa denominação.

Muitos autores complicam-se ao explicar o terrorismo, porque as considerações feitas a respeito de um determinado grupo não convêm para o entendimento da atuação de outro que opere numa conjuntura diferente. Um exemplo desse problema é encaixar na mesma classificação “terrorista” grupos tão diferentes entre si como o ETA e a Al Qaeda.

Nesse sentido, a separação entre atos e grupos terroristas é a tarefa inicial para elaborar uma explicação do fenômeno que não se confunda ao tratar de casos diversos desse tipo de violência. Estabelecendo uma definição de terrorismo, que contemple a diversidade de projetos que utilizam essa forma de violência, é possível mostrar que não há relação de exclusividade entre a execução de atentados terroristas e qualquer desígnio político particular - fascistas, comunistas, islâmicos e até os democratas, admitindo as acusações de Chomsky sobre os EUA, podem utilizar o terrorismo.³

Sendo o terrorismo um recurso utilizado por vários grupos que atuam em locais e épocas diferentes, e mantêm discursos políticos distintos entre si, é necessário empreender uma separação entre grupos supostamente terroristas e atentados terroristas.

Os grupos que praticam violência intensiva só podem ser entendidos como terroristas pelo fato de já haver uma compreensão do que é terrorismo ou do que são atentados terroristas - grupos terroristas são aqueles que exercem violência terrorista. Assim, o próprio uso da expressão “grupos terroristas” é sempre posterior à efetivação dos “atos terroristas”. O termo terrorismo não funciona para classificar grupos que utilizam violência indiscriminada porque a idéia de terrorismo não surge de uma ideologia do terror, mas sim, do exercício costumeiro de atentados com intuito de alcançar “fins políticos”.

A partir da consideração do conteúdo político do terrorismo, desaparece essa dificuldade de encaixar as particularidades de programas tão diferentes quanto os dos supracitados ETA e Al Qaeda num mesmo conceito, porque a delimitação do conteúdo permite caracterizar a violência espetacular como um recurso para alcançar “fins políticos” sem assinalar a qualidade desses objetivos. Isso significa que o reconhecimento do terrorismo só é possível quando se sabe que a violência espetacular tem um sentido político, mesmo que os “fins políticos” variem de atentado para atentado.

Os projetos nacionalistas como o do ETA, do IRA e de tantos outros grupos que utilizam o terrorismo não trazem consigo nada que motive a atuação

³Chomsky descreve ações terroristas norte-americanas, dentre elas relata o caso de “um caminhão cheio de explosivos, deixado de lado de fora de uma mesquita e com um *timer* ajustado para explodir na hora em que as pessoas estivessem saindo, de modo a matar o maior número delas ...” CHOMSKY, N., *11 de Setembro*, p. 49.

terrorista; nem mesmo a revolução como prevista por Marx suscita a necessidade desse tipo de violência indiscriminada. Se os interesses nacionalistas, religiosos ou revolucionários que estão por trás do terrorismo e preenchem o seu conteúdo podem variar dependendo da conjuntura política em que esse tipo de violência aparece, o ponto comum entre o ETA e a Al Qaeda é a própria prática de atentados terroristas em prol de intenções políticas.⁴

Observando que não há grupos terroristas *per se*, o sentido do conteúdo político do terrorismo destaca-se pelo seu caráter formal, podendo ser preenchido por diferentes pretensões políticas.

Compreender o terrorismo a partir da consideração dos atos terroristas não significa desmerecer os objetivos políticos específicos que estão por trás da sua realização; pelo contrário, a separação entre atos e movimentos permite examinar as diversas propostas políticas que subjazem a prática de tal violência. Portanto, se o terrorismo sempre é perpassado por intenções políticas, é necessário observar que pode assumir variados discursos. O exame desses ideais políticos é fundamental na tentativa de se verificar a validade do terrorismo e o seu significado como expressão política. Desde o seu surgimento na década de 1960, até completar os seus dois primeiros decênios de existência, o terrorismo é praticado por grupos com orientação marxista; somente no período posterior (1980-90) despontam atentados ligados exclusivamente aos anseios religiosos ou nacionalistas.

Ao perceber a diversidade dos anseios políticos que atendem pela designação terrorismo, deve-se ressaltar a distinção entre a prática guerrilheira comunista, onde o terrorismo se originou, e a sua posterior conexão com os movimentos nacionalistas ansiosos pela construção de Estados culturalmente puros, livres da influência ocidental, como na Índia, no Sri Lanka e nos muitos casos de nacionalismos islâmicos.⁵

⁴Na prática, seria possível estabelecer um elo comum entre as diversas conjunturas locais, pois todo terrorismo ocorre na situação contemporânea denominada capitalismo tardio. Portanto, apesar do terrorismo estar associado a diferentes ideologias políticas, todas têm reivindicações atuais - próprias do pós-45.

⁵Os exemplos de organizações que usam terrorismo para alcançar causas nacionalistas crescem e ganham força após a década de 1970, dentre eles destacam-se: o SIKH na Índia, responsável pela morte de Indira Gandhi; os Tigres para a Libertação do Tamil no Sri Lanka; a Frente Islâmica de Salvação na Argélia; o Grupo ABU SAYYAF nas Filipinas, o Hizballah no Líbano, o Kach y Kahane em Israel, o Hamas no Oriente Médio. MACLACHLAN, C., *Manual de Terrorismo Internacional*.

MacLachlan faz um balanço dos grupos denominados terroristas, analisando cerca de quarenta movimentos que atuam em épocas e locais distintos.⁶ A partir dos dados desse autor, é perceptível que, quanto aos objetivos políticos das organizações descritas, os grupos podem ser divididos em: nacionalistas, nacionalistas marxistas, nacionalistas religiosos, religiosos e islâmicos marxistas. Lembrando que sob o rótulo dessas subdivisões encontram-se pretensões diversas. Por exemplo, existem marxistas que pretendem instaurar a revolução mundial, sendo que suas lutas desenvolvem-se diretamente contra o capitalismo internacional, outros estão mais preocupados em fundar regimes socialistas em seus respectivos países de origem. Além disso, há diferenças quanto à linha teórica marxista seguida: alguns grupos estão mais próximos das idéias de Lênin, outros das de Mao-Tsé-Tung, etc. Apesar da diversidade de propostas dos movimentos que praticam terrorismo, percebe-se que, de modo geral, todos desenvolveram um caráter anti-americanista. Os que se dizem marxistas condenam a exploração econômica mundial organizada pelos EUA; os nacionalistas preocupam-se com a invasão cultural norte-americana; e os islâmicos pretendem criar regimes puros estabelecidos sob a lei da Sharia e para tal sustentam a oposição ao Ocidente e seus valores, representados principalmente pela Europa e EUA. O que melhor sintetizaria a posição política comum envolvida nos atos terroristas é a manutenção de um horizonte de expectativas com relação à possibilidade de provocar transformações político-sociais através do uso intensivo da violência.

A semelhança entre as diversas propostas políticas que assumem o exercício do terrorismo deve-se à própria constituição desse tipo de violência sensacionalista. O terrorismo deve ser entendido como parte da conjuntura política e intelectual das décadas de 1960-70, marcada pelo uso e apologia da violência como meio de alcançar objetivos políticos. O terrorismo nasce como prática de guerrilha, mas se desenvolve como alternativa de luta política independente de sua matriz, embora permaneça com suas pretensões vanguardistas, de provocar transformações político-sociais. Os ecos das revoluções, guerras, manifestações estudantis e lutas de libertação nacional proporcionavam a situação adequada para o uso da violência como meio político, mas a decadência do mundo socialista e a

⁶Ibid.

crescente afirmação do discurso democrático esvaziaram as possibilidades de aparecimento de alternativas ao capitalismo, sobretudo aquelas fundamentadas na idéia de violência. Qualquer respaldo público que o terrorismo pudesse ter parecia perdido no final do século XX.

Segundo Clutterbuck, “calcula-se que no período de 1968 a 1972, auge das demonstrações anti-Vietnã nas Universidades européias e norte-americanas, mais de cem mil estudantes alemães simpatizavam mais ou menos abertamente com as atividades de Ennslein, Baader e Meinhof.”⁷

O mesmo público estudantil que condenava a guerra do Vietnã e falava em paz e amor era seduzido pelas românticas manifestações de revolta contra o capitalismo de grupos como o Baader-Meinhof, que começou sua carreira com ataques incendiários a lojas de departamentos e depois passou a promover ataques terroristas. Na esteira da Revolução Cubana, da Guerra Fria, da Guerra do Vietnã e da descolonização da Ásia e da África, alastravam-se discursos de apologia da violência, principalmente no âmbito intelectual da “Nova Esquerda” francesa. Jean-Paul Sartre, Franz Fanon, Maurice Merleau-Ponty acabaram por intensificar com seus trabalhos a revolta da juventude, que foi instruída a apoiar a violência dos movimentos de libertação nacional e dos guerrilheiros terceiro-mundistas.

Hannah Arendt desenvolve considerações sobre as manifestações de violência retórica do movimento estudantil, em particular sobre os acontecimentos de 1968 na França, destacando essa apologia da violência na obra de Fanon, “Os Desgraçados da Terra”, e principalmente no prefácio a este livro escrito por Sartre. A autora observa os argumentos sartrianos a fim de mostrar que a glorificação teórica da violência torna-se comum nos discursos esquerdistas no período de 1960-70. Segundo ela, esse fato é incomum na história das esquerdas, porque “o assassinato político, exceto em se tratando de poucos atos individuais de terror perpetrados por pequenos grupos anarquistas, era em geral prerrogativa de direita”.⁸ Para Arendt, Sartre está em contradição com a própria visão de Marx a respeito da violência, porque este último entende a luta armada como um momento que apenas precede a revolução, enquanto para aquele a violência

⁷CLUTTERBUCK, R., *Seqüestro!*, p. 33. O autor também conta que compareceram ao funeral de Meinhof, após o seu suicídio, mais de quatro mil estudantes.

⁸ARENDR, H., *Sobre a Violência*, p. 19.

aparece como criadora; “o homem recriando a si mesmo”.⁹ De fato, novas perspectivas quanto ao papel da violência estavam aparecendo desde a década de 1960 no âmbito da esquerda. A semelhança entre o pensamento dos referidos intelectuais franceses, dos estudantes, dos guerrilheiros e daqueles que lutavam por libertação nacional é justamente essa: a violência pode cunhar objetivamente a novidade política.

A intenção de alcançar a libertação pela imposição da violência tornou-se comum após a Segunda Guerra Mundial com os movimentos de libertação nacional e as guerrilhas que provocaram revoluções, como a cubana e a chinesa. Desde então, adquire importância no âmbito de esquerda, a noção de que os homens podem fazer sua história e moldar o curso dos acontecimentos. Como exemplificado pela cartilha maoísta, “a história nasce do fuzil”. Da mesma maneira, parte da intelectualidade francesa do período vai defender os méritos da violência. Baseado nos escritos de Trotski, Merleau-Ponty enfatiza que “a história está por se fazer com violência e não se faz por si mesma”.¹⁰ Assim como Sartre e Fanon, Merleau-Ponty acredita que a violência revolucionária pode ser a fundadora do verdadeiro humanismo, e por isso é preferível à violência vigente na estrutura do sistema burguês. “Há um movimento espontâneo da história objetiva, mas há também uma intervenção humana que lhe faz saltar etapas e que pode não ser previsível a partir dos esquemas teóricos”.¹¹ O processo de contradição interna do capitalismo não poderia mais ser esperado, deveria ser instigado pela violência. Com essa concepção, os movimentos guerrilheiros pretendem despertar a revolução comunista e utilizam práticas cada vez mais violentas para atingir tal fim. Nesse sentido, no que diz respeito ao conteúdo político, é inegável a similitude original entre terrorismo e guerrilha. Ambos os tipos de exercício da violência estão orientados para o logro de idéias políticas, embora suas formas de atuação sejam distintas.¹²

⁹Ibid.

¹⁰MERLEAU-PONTY, M., *Humanismo e Terror*, p. 103. Não há como em Marx a necessidade de esperar o momento de crise do capitalismo para realizar a revolução.

¹¹Ibid.

¹²A distinção entre terrorismo e guerrilha que aparece no exercício da violência será tratada mais adiante quando estiver sendo discutida a forma do terrorismo. De qualquer modo, é necessário anunciar que apesar da referência à guerrilha como atividade marxista, está se tratando de um tipo desta manifestação, pois como mostrou Heydte não há um atrelamento natural entre guerrilha e comunismo, lembrando que em seus primórdios, a idéia de guerrilha provém da resistência

A princípio, a mentalidade dos protagonistas do terrorismo é exclusivamente marxista, e está de acordo sobretudo com as concepções de guerrilha urbana. Observando o “MiniManual de Guerrilha Urbana” de Marighella e examinando os pensamentos de Baader e Meihof encontram-se os mesmos argumentos: pretendem obrigar o sistema capitalista a declarar abertamente seu fascismo, de forma que a repressão política se torne insustentável e a própria população, vivendo em estado de guerra civil, se coloque ao lado dos revolucionários armados.¹³

No entanto, tal como há um desdobramento da forma terrorista, que se desvencilha da prática guerrilheira, também os fins políticos almejados pelo terrorismo deixam de ser apenas esses supostamente revolucionários marxistas. Durante a Guerra Fria, a permanência da alternativa socialista sustentou a existência de atividades que visavam fins análogos. Depois, essas idéias caíram em crescente descrédito com o insucesso da URSS, embora não seja difícil encontrar exemplos de atuações terroristas em prol desses valores. Alguns movimentos continuam fazendo uso do terrorismo e pregando ideais marxistas, mesmo sem contar com grande participação popular. A história do ETA é um bom exemplo para elucidar tal ponto: as reivindicações do País Basco por independência e instauração do socialismo, organizadas como reação armada em 1969, tiveram respaldo popular devido à existência de um modelo político autoritário na Espanha. Os etarras foram “heróis” nacionais quando lutaram contra a ditadura franquista, e a realização de seu primeiro atentado-show não foi amplamente condenada porque vetou definitivamente a possibilidade de sucessão ditatorial. Todavia, com o estabelecimento da democracia e a concessão de liberdades para o País Basco, as atitudes armadas do ETA perderam sentido para a maior parte da população, mesmo entre os próprios bascos.¹⁴ No entanto, o grupo continua exercendo terrorismo e mantém o discurso de fundação de uma pátria socialista independente da Espanha e da França.

espanhola à ocupação napoleônica. HEYDTE, F., *A Guerra Irregular Moderna em políticas de defesa e como fenômeno militar*.

¹³MARIGHELLA, C., *Minimanual del Guerrillero Urbano*. In: ___ *Acción Libertadora*. Sobre declarações do Baader-Meihof, Cf. RAYNALD, P. Origenes Intellectuales. IN: FURET, F.; RAYNALD, P.; LINIERS, A., *Terrorisme et Democratie*.

¹⁴ELORZA, A. (coord.), *La Historia de ETA*.

Se, por um lado, persiste o uso do terrorismo por parte de alguns grupos marxistas o que ainda permite sublinhar a associação entre terrorismo e guerrilhas marxistas, por outro lado, o terrorismo evolui em outra direção: emancipando-se da guerrilha passa a ser exercido também em prol de objetivos políticos distintos dos marxistas, como os nacionalistas e os religiosos islâmicos. Esse tipo de manifestação política, que inicialmente aparece como prática guerrilheira, torna-se um fenômeno particular, realizando-se como meio específico para reivindicar fins políticos quaisquer. Pode-se dizer que o terrorismo encontra sua forma própria quando deixa de ser estritamente exercido pela guerrilha. A partir de então, tem possibilidade de aprimorar suas características, sem preocupação de orientar-se por manuais de guerrilha e seus conceitos éticos, embora permaneça atuando para alcançar objetivos políticos através da violência vanguardista. Não é sem razão que os atentados promovidos por movimentos islâmicos parecem ser mais eficientes que seus congêneres marxistas, pois se desvinculando dos costumes guerrilheiros, o terrorismo desenvolve progressivamente sua forma espetacular. Portanto, o que possibilita detectar a especificidade do terrorismo diante de outros tipos de violência política é a sua forma e não o seu conteúdo.

3.2

A Forma espetacular do terrorismo

O que de fato distingue o terrorismo de outras espécies de violência política é a sua forma exibicionista. O terrorismo eleva a violência à categoria de espetáculo através do apoio involuntário dos meios de comunicação. Sem desconsiderar as intenções políticas dos movimentos que motivam o uso de terrorismo, é preciso destacar a importância de sua característica formal, pois é ela que permite estabelecer a especificidade do fenômeno diante de outras formas de violência política. Quando são lembradas as cenas dos atentados executados desde a década de 1970 - a explosão do Admiral Carrero Blanco na Espanha em 1973, a morte dos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique em 1972 e um ataque à bomba do IRA em Belfast, na Irlanda do Norte, no mesmo ano, dentre outros, é visível a semelhança entre esses eventos: todos são sensacionalistas, apresentam-se como imagens multiplicadas e desconexas de violência explícita e indiscriminada.

O que distingue esse tipo de violência em relação a outras é o fato de manifestar-se de forma espetacular. Ressaltando que a realização do terrorismo só é possível na sociedade industrial, quando as imagens dos atentados são divulgadas para o público espectador. Nesse sentido, o terrorismo é um tipo de violência política particularmente contemporânea, que só encontra lugar na sociedade de massas, principalmente devido ao desenvolvimento dos meios técnicos de reprodução de imagens. O terrorismo político aparece como um show de imagens de violência - atentados, assassinatos, seqüestros, explosões. A sociedade industrial midiática hodierna mostra-se como o espaço-tempo adequado para a realização de atentados terroristas porque somente a sua tecnologia permite a execução de explosões cinematográficas - que podem, inclusive, ser detonadas à distância - e a divulgação das imagens por meios de comunicação de massa mundialmente interligados.

Em uma operação terrorista está pressuposta a intenção de provocar uma admiração com o ato. Uma execução terrorista nunca é discreta, ao contrário, sua programação visa exatamente a provocação da cena espetacular. A execução do Almirante Carrero Blanco, pelo ETA, na Espanha demonstra a importância da preocupação formal quando se trata de armar um atentado terrorista. Ao provocar a morte daquele que seria o sucessor de Franco, o ETA poderia simplesmente ter atuado, como fez em tantos outros casos, através de tiros à distância ou de uma emboscada ao carro do Almirante, executando-o em seguida; mas, em vez disso, preferiu agir de modo terrorista e efetuar um atentado-show: alugar um apartamento em Madri, seguir por dois meses os passos de Carrero, cavar um túnel desde o apartamento alugado até a rua pela qual o carro da vítima passava todos os dias ao regressar da Igreja, encher o túnel com explosivos e detoná-los à distância no exato instante, anteriormente cronometrado, em que o carro passasse. Tudo isso fez com que o veículo voasse para o sétimo andar de um prédio vizinho, provocou o desmembramento dos corpos e fundou uma imensa cratera no lugar da rua. Essas eram as imagens que deveriam ser vistas para que se caracterizasse o terrorismo. Esse exemplo mostra que a opção do grupo nacionalista e marxista foi a de atuar por meio sensacionalista, a idéia era fazer grande alarde e provocar a admiração do público com a morte do Almirante; e por isso essa ação pode ser classificada como terrorista, por utilizar a violência sensacionalista numa

operação que visa alcançar intenções políticas.¹⁵ Nem sempre esse grupo atuou por meio da violência espetacular. Em outras situações o ETA recorreu às armas de fogo comuns para assassinar membros de partidos políticos e policiais.

Para compreender o significado do terrorismo é preciso pensar nessa relação entre conteúdo e forma. Por um lado, não é possível entendê-lo sem o conhecimento do conteúdo político que o subjaz, ainda que o conteúdo não seja uma ideologia específica como o nacionalismo ou o comunismo, mas somente a pretensão de alcançar fins políticos. Por outro lado, a propriedade do terrorismo é ser um tipo de violência com forma espetacular, ou seja, está em jogo a maneira pela qual a violência aparece, por isso há a preocupação, ao realizar um atentado terrorista, com a elaboração do plano. A operação terrorista é calculada, como visto no caso da execução de Carrero Blanco, para ser uma manifestação admirável, estrondosa, chocante. Se fosse o caso de matar o Almirante para que ele não assumisse o poder do regime ditatorial, o projeto seria administrado de outra maneira, visando mais à efetivação segura do ato. No entanto, o ETA não queria apenas eliminar a importante figura política, almejava também mostrar as imagens de violência ao mundo, e não apenas matar. Por isso, foi essencial para o sucesso da missão a constituição da cena dramática que provocasse no público a necessidade de ver as imagens. Àquela época não bastaria saber que o sucessor de Franco havia morrido, era preciso ver o que tinha acontecido, da mesma maneira que provavelmente ninguém deixaria de querer assistir ao desabamento das torres do WTC em 2001 pelo fato de saber o que tinha ocorrido.

Essa forma de violência espetacular - o terrorismo político - manifesta-se pelas primeiras vezes no início da década de 1970. O citado atentado na Irlanda em 1972 foi provavelmente o estopim de tal tipo de acontecimento, seguido pela execução de onze atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique no mesmo ano. Ambos os atos inauguraram o período em que reinaria essa espécie de violência sensacionalista indiscriminada. Clutterbuck relata a surpreendente história do ocorrido nos Jogos. Devido à situação especial do evento esportivo estavam na Alemanha repórteres do mundo inteiro com câmeras a postos. “Foi então que oito terroristas palestinos seqüestraram, mantiveram presos e assassinaram onze atletas israelenses encenando um drama que foi visto por cerca de 500 milhões de

¹⁵AGIRRE, J., *Operation Ogro. The Execution of Admiral Luis Carrero Blanco.*

pessoas em todo o mundo”.¹⁶ Essa situação favorável para a prática de um atentado terrorista só ocorre a partir de um determinado momento histórico, quando o mundo se torna interligado e passa a funcionar como uma “aldeia global” - para utilizar a definição de McLuhan - na qual circulam imagens, informações, capitais, produtos e pessoas.¹⁷

O caminho para o terrorismo se abriu através dos discursos de apologia da violência - a idéia de que a violência pode criar a mudança histórica - e do desenvolvimento e popularização dos meios de comunicação. Como enfatizou Otavio Ianni, “E o signo por excelência da modernização parece ser a comunicação, a proliferação e generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, articulados em teias multimídia alcançando todo o mundo”.¹⁸ Por isso, quanto maior alcance público um atentado conseguir, mais sucesso terá alcançado. Um acontecimento secreto não constitui terrorismo, mas outro tipo de violência. Aquilo que Anthony Giddens definiu como globalização torna-se o campo favorável para o bom funcionamento desse tipo de violência sensacionalista, pois com “a intensificação das relações mundiais que ligam localidades distantes, de tal modo que os acontecimentos locais são moldados por fatos ocorridos a muitas milhas de distância, e vice-versa”.¹⁹

O fator fundamental para que o terrorismo possa existir é essa possibilidade de divulgação das imagens. Quanto maior as chances de exibir integralmente as cenas dos atentados, mais sucesso pode ter a operação. Por isso é preciso

¹⁶ CLUTTERBUCK, R., *Seqüestro!*, p. 25.

¹⁷Esse conceito de McLuhan ainda funciona para pensar sobre a comunidade mundial que está conectada por meios eletrônicos. Entretanto, não serão abordados os problemas da harmonização e homogeneização propostos pela idéia de globalização; motivo de discussão em torno da efetividade do termo “aldeia global” de McLuhan. No momento não há meios de tratar estas questões, pois seria necessário desenvolver argumentos sobre a constituição e propagação da idéia de modernidade ocidental. Por ora, o importante é destacar os avanços tecnológicos da modernização ocidental. Lembrando a diferença entre modernização e modernidade. A primeira remete a um processo de desenvolvimento técnico, enquanto a segunda é referente a um momento a partir do qual passou a vigorar a valorização da razão. A marcha do capitalismo, a princípio puramente técnica e econômica, acaba sendo acompanhada por um seguimento “civilizatório” - que difunde uma determinada idéia de civilização - pois as idéias e costumes racionais da civilização ocidental são difundidos juntamente com a modernização os métodos.

¹⁸IANNI, O., *Teorias de Globalização*.

¹⁹GIDENS, A. Apud HABERMAS, J., *Realizações e Limites do Estado Nacional Europeu*. In: Gopal Balakrishnan (org.), *Um Mapa da Questão Nacional*, p.307. A própria racionalidade tecnológica ocidental sustenta a atuação desse tipo de violência e não é sem razão que grande parte dos atentados, desde 1968, tenha ocorrido nas democracias industrializadas, para tal Cf. STERLING, C., *A Rede do Terror*.

arquitetar toda a missão de modo que possa aparecer da melhor forma na mídia, já que não são os próprios terroristas que filmam e distribuem suas performances.²⁰

O desenvolvimento do terrorismo se efetua paralelamente ao aperfeiçoamento da televisão, dado que ela mesma, no período em que se origina o terrorismo, ainda está se afirmando e se especializando em seu ofício. Com o passar do tempo, cada vez mais as informações têm difusão rápida, a imagem assume a proeminência diante da palavra. Já na década de 1970, era perceptível a velocidade da promulgação das imagens em relação às palavras escritas. Atento a essas mudanças, McLuhan observava que “invadimos culturas inteiras com pacotes de informações, entretenimentos e idéias. Em vista da instantaneidade dos novos meios de imagem e de som, até o jornal é lento”.²¹ O terrorismo surge do uso da violência associado a esses recursos técnicos, e desenvolve seu caráter espetacular por conta do valor que a imagem assume na sociedade ocidental. A violência torna-se espetáculo porque há espaço e demanda no mercado por esse tipo de sensacionalismo.

Pierre Bourdieu percebe que a televisão, na década de 1950, tinha uma missão pedagógica. Segundo ele, esse papel foi se transformando gradualmente pela valorização crescente das informações vazias e programas insignificantes, até que, na década de 1990, a televisão parece ocupar uma função meramente exibicionista, cujo princípio de seleção é a busca do sensacional, “(...) a televisão convida à dramatização: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico.”²² O terrorismo, ao funcionar como produto televisivo segue o seu desenvolvimento e também passa ao longo dos anos a supervalorizar a imagem, embora lhe seja essencial essa necessidade de aparecer em público. Da mesma maneira que a corrida espacial entre EUA e URSS tem que ser registrada pela televisão, o terrorismo precisa ser comunicado ao público. Se não houvesse imagens do homem na Lua provavelmente esse acontecimento não teria o mesmo sentido. No caso do terrorismo, se a violência não aparecesse publicamente, ele não existiria - o ataque violento teria outra classificação, como ato de guerra ou de guerrilha. Pode-se

²⁰Embora isso pareça estar começando a acontecer, considerando a estratégia do terrorismo na atual Guerra do Iraque.

²¹MACLUHAN, M. “*A Imagem, o Som e a Fúria*”. In: ROSENBERG, B.; WHITE, D. (org.), *Cultura de Massa*, p. 564.

²²BOURDIEU, P., *Sobre a Televisão*, p. 25.

associar o terrorismo à imagem, e a guerrilha à palavra, para tornar evidente a distinção formal entre esses dois tipos de manifestação política.²³

Entretanto, pelo fato do terrorismo ser inicialmente executado como recurso guerrilheiro, é inegável a existência de características semelhantes entre as duas práticas, como a assimetria dos atos e do espaço de atuação e o modo de ataque surpresa. Ainda que operem de maneira semelhante, ao não executar a violência de acordo com as leis de guerra internacionais, que prevêm declaração de conflito e combate entre militares, a guerrilha e o terrorismo não se confundem entre si. A guerrilha utiliza o terrorismo ocasionalmente, entre outros tipos de violência que exerce, e não tem a intenção de fazer espetáculo da violência, tanto que em geral não atenta contra multidões anônimas, a não ser quando pratica terrorismo. Apesar do costume comum de não lutar contra militares, é importante ressaltar que um ato de guerrilha visa a morte de inimigos determinados, ao passo que um atentado terrorista valoriza a divulgação das imagens de violência, tem necessidade de mostrar a morte das pessoas. O freqüente emprego de bombas pelo terrorismo torna propícia a morte de vítimas aleatórias. Nenhuma cartilha guerrilheira propõe a morte intencional de vítimas civis. Mesmo que algumas vezes civis sejam atingidos casualmente na realização das operações, a guerrilha só os ataca premeditadamente quando são figuras ilustres da política ou policiais. Portanto, em geral, os guerrilheiros respeitam leis humanitárias, enquanto os atos terroristas não estão imbuídos dessa preocupação e agem em sentido contrário. Ao enumerar os meios válidos com os quais um guerrilheiro urbano conta numa guerra de nervos, Marighella destaca o seguinte ponto: “formular denúncias às embaixadas estrangeiras, à ONU, às instâncias apostólicas, e as comissões internacionais de juristas de defesa dos direitos humanos ou de liberdade de imprensa.”²⁴

O que de fato diferencia terrorismo e guerrilha é a forma espetacular do primeiro, pois no que se refere ao conteúdo, atingir objetivos políticos por meio da

²³A forma de resistência política denominada guerrilha surgiu na Espanha durante a ocupação do país pelas tropas napoleônicas. Formada por grupos irregulares e não treinados formalmente, a guerrilha, também denominada “guerra irregular”, é uma espécie de guerra onde não há o confronto legalizado de exército contra exército. Assim, não há vitória da guerrilha até que se converta em guerra tradicional e avance sobre o território inimigo. O terrorismo tem semelhanças com a atividade guerrilheira, já que surge dessa prática, embora não deva ser confundido com ela.

²⁴MARIGHELLA, C., *Accion Libertadora*, p.134. “formular denúncias a las embajadas extranjerias, a la ONU, a la nunciatura apostólica y a las comisiones internacionales de juristas de defensa de los derechos humanos o de la libertad de prensa...”

violência vanguardista, ambos permanecem muito próximos. Num atentado está em jogo toda a preocupação com a cena de violência que deve ser transmitida ao público, pois através da imagem se pretende angariar simpatia para uma determinada causa política. Enquanto as atividades guerrilheiras são realizadas discretamente e necessitam da leitura de manifestos para serem explicadas ao público, no terrorismo a cena deve falar por si só. Devido a essa especialização da forma dos atos, o terrorismo tornou-se uma manifestação política específica, não podendo ser definido como guerrilha. A partir daí, conforme mencionado anteriormente, o terrorismo pode ser apropriado por quaisquer pretensões políticas.

Alguns autores não fazem distinção entre terrorismo e guerrilha, por isso entendem que os movimentos guerrilheiros limitaram suas atividades ao uso da violência, intensificando tal exercício. Ao perceber que o terrorismo surge inicialmente como prática de guerrilha e depois se torna uma forma de manifestação política autônoma, não é possível concordar com esse argumento, porque não se trata de entender o terrorismo como um desenvolvimento da guerrilha, mas como uma novidade em termos de exercício político da violência, cujo caráter é distinto.²⁵

Se, inicialmente, no referido contexto de rebelião estudantil e apologia intelectual da violência, a prática terrorista aparece agregada às atividades guerrilheiras, com o passar dos anos essa forma de violência será aprimorada. Com isso não se quer dizer que todo uso de terrorismo é feito por grupos que antes realizavam guerrilhas, mas sim que a novidade terrorista surge nesse meio. É possível constatar que os primeiros atentados terroristas foram realizados por grupos guerrilheiros marxistas, embora isso não signifique que todos os guerrilheiros tenham se tornado terroristas ou que o terrorismo não seja exercido por outros grupos. O terrorismo desenvolveu-se nos meandros da guerra de guerrilhas e nos contatos internacionais entre os adeptos da violência como meio de reivindicar causas políticas. As artimanhas juvenis dos Baader-Meihof - seu vandalismo político ao incendiar lojas capitalistas - que deram lugar à aperfeiçoada técnica da violência espetacular, e a opção consciente pelo

²⁵Alguns grupos acabaram limitando sua atuação às execuções terroristas, outros que não eram adeptos dessa prática renderam-se aos seus atrativos. Como o exaltado Clutterbuck constatou, “os assassinos tornaram-se tipicamente profissionais”. CLUTTERBUCK, R., *Seqüestro!*, p. 34.

terrorismo, como a realizada pelo Sendero Luminoso na década de 1980, são exemplos de caminhos distintos que se encontram no exercício do terrorismo.²⁶

O que se quer mostrar, ressaltando a especificidade formal da violência terrorista e diferenciando-a da guerrilha, é que a existência do terrorismo não é tão antiga quanto a prática humana ancestral de assustar as pessoas por meio da violência como supõem alguns críticos. Terrorismo não tem o mesmo significado de terror, nem de violência. Mesmo sendo um tipo de violência que promove o terror, seu sentido não se resume a essa definição. O terrorismo é uma forma espetacular de uso da violência utilizada como recurso para alcançar objetivos políticos diversos.

Paul Wilkinson destacou a inexistência de movimentos políticos que utilizam o terrorismo sistemático para atingir objetivos políticos coletivos no período anterior à Revolução Francesa. Seu argumento por si só sustentaria a idéia da inexistência dessa prática antes do século XVIII, porque prova que no período que antecede à Revolução o uso da violência aterrorizante é caracterizada como vingança ou interesse individual, não se constituindo como política organizada com fins políticos. No entanto, o autor alarga a concepção de terrorismo por deixá-la muito próxima da idéia de revolução ou guerrilha. Com isso, Wilkinson não percebe que para haver terrorismo, tal como conhecemos desde meados do século XX, é necessária a identificação não somente do conteúdo, mas também da forma terrorista. Apesar de trabalhar de acordo com a concepção do que se entende por conteúdo político do terrorismo, associando o terrorismo às causas políticas e distinguindo-o do uso do terror individual, o autor não desenvolve a discussão sobre a particularidade do terrorismo diante de outras formas de violência com fins políticos, de modo que, sob sua perspectiva, qualquer violência com objetivos políticos pode ser terrorismo. Colocando-se em busca da singularidade do terrorismo, pode-se compreendê-lo como uma manifestação própria da contemporaneidade. Somente a partir daí encontram-se as condições adequadas para o seu aparecimento - concepção subjetiva da história que sustenta a idéia de que o exercício da violência por si só tem a capacidade de criar

²⁶AMAYO, E. (org.), *Sendero Luminoso*.

mudanças políticas e desenvolvimento dos meios técnicos de reprodução de imagens.²⁷

Apesar de ser antiga a idéia de que a violência pode promover alterações políticas, notando que a guerra é um fenômeno ancestral, onde esse recurso sempre esteve presente com intuito de promover a conquista, a dominação e a expansão de poderes, a violência dos atentados terroristas é atualizada pelo discurso guerrilheiro. Desde o final da década de 1960, a violência assume o papel de recriar a história, tomando para si o objetivo de modificar o processo dos acontecimentos em curso. Os discursos intelectuais e as atitudes guerrilheiras que idealizam o poder transformador da violência abrem espaço para a leitura terrorista que compactua com a noção de que a violência pode promover a mudança histórica. A novidade da prática terrorista é associar essa capacidade da violência de desencadear novos processos à propaganda midiática viabilizada pelos meios de comunicação de massas. Nesse tipo de violência sensacionalista, o que se pretende é, não só a eliminação física dos supostos inimigos - que se torna cada vez menos importante, considerando a aleatoriedade dos alvos civis -, mas, sobretudo, a exibição da violência, com a qual se pretende chamar atenção para a validade de determinada causa.

O terrorismo atinge seu pleno funcionamento como o tipo de violência que promove o pavor por exercer de forma sensacionalista a violência. O significado simbólico do terrorismo é o de matar poucas pessoas e apavorar milhares. Sua pretensão não é alcançar seus objetivos pela execução de determinadas figuras políticas, mas sim pela pressão psicológica, pelo enfraquecimento simbólico de seus inimigos. Nesse sentido, a sociedade hodierna não só instaurou a combinação perfeita para o aparecimento do terrorismo como permitiu seu bom exercício na medida em que a condição anônima dos indivíduos garante maior sucesso para essa prática. Somente essa situação da sociedade de massas, onde os sujeitos destituídos de identidade aparecem como conjunto incógnito, pode conceder ao uso da violência espetacular a possibilidade de produzir o pânico generalizado

²⁷O terrorismo, apesar de coercitivo, pelo uso da violência, pretende convencer as pessoas da problemática pela qual se realiza - a valorização da imagem e da aparição em espaço público tem esse intuito.

fundamental para o logro do terrorismo, pois nesta condição, “não sabemos exatamente de quem e do que devemos nos defender”.²⁸

Quando Aquiles arrasta o corpo de Heitor na entrada de Tróia, trata-se de imposição do poder por meio da força; a violência real é usada como símbolo para a provocação de um permanente alerta sobre o poder superior dos gregos - para que os troianos não se esquecessem de temê-los. No entanto, não é possível conceituar esse fato como prática de terrorismo, embora a imaginação possa estabelecer analogias. A violência nesse caso não é um espetáculo que impõe o medo para alcançar seus objetivos. A demonstração simbólica de força, no referido exemplo grego, é uma forma de ampliar e assegurar os louvores da vitória; ela não é, em si, o meio a partir do qual os gregos pretendiam desestabilizar as bases políticas troianas. Para Aquiles, esse tipo de exibição da violência não funciona como recurso para promover a vitória, como no terrorismo, mas sim, como um desfecho glorioso da guerra. Além disso, não havia meios técnicos para uma manifestação terrorista, cuja violência espetacular requer ampla divulgação das imagens.²⁹

A originalidade histórica do terrorismo é justamente a de ser uma forma espetacular de violência, a partir da qual se pretende alcançar determinados “fins políticos”. No terrorismo, o mecanismo do terror, elevado à categoria espetacular, foi promovido a único recurso da luta armada. Desde então, pretende-se atingir o sucesso de projetos políticos apenas através da execução de atentados. O contato com o espaço público pelo uso da violência sensacionalista visa promover o amedrontamento e a desorganização da esfera pública e, conseqüentemente, da ordem política. As cenas de violência são as vias de acesso dos anseios políticos dos protagonistas ao mundo.

Por isso, a apresentação de imagens de atentados só adquire sentido completo quando existe conhecimento das causas políticas subjacentes, ou seja, num atentado-show não são apenas as horríveis cenas de violência que estão em jogo, mesmo que possa parecer que o terrorismo pretende somente se exibir na esfera pública e afrontar os poderes instituídos. Para os protagonistas dessa

²⁸BONANATE, L., *A Guerra*, p. 16.

²⁹HOMERO. *Iliada*. O fato de a obra de Homero ser ficcional não está sendo desconsiderado. O texto é retomado apenas como um exemplo do uso de força simbólica, não importando, nesse caso, suscitar quaisquer questões sobre a sua veracidade histórica.

violência, a forma é um meio de alcançar os almejados “fins políticos”, por isso o conteúdo político não pode ser descartado quando é proposta uma compreensão do terrorismo. A configuração da violência espetacular não é suficiente para caracterizar o terrorismo, aliás é através do reconhecimento desse conteúdo político, como observou-se anteriormente, que o terrorismo se diferencia de outras formas de terror espetacular, como atos de puro vandalismo ou até mesmo cenas ficcionais. O atentado terrorista só se torna claro quando se percebe que se trata de um recurso político por meio do qual se almeja promover transformações sócio-políticas. A promoção da violência à categoria de espetáculo é o incremento que o terrorismo impõe ao cenário político, pois antes dele, os desígnios de implementação de projetos políticos não contavam com esse mecanismo.

3.3

A desconexão entre o conteúdo político e a forma espetacular do terrorismo.

A partir da consideração dos aspectos que constituem o terrorismo, é importante pensar sobre o significado do fenômeno, observando a possibilidade de realização do seu conteúdo político através da sua forma espetacular. Optando por examinar a efetividade do terrorismo mediante análise histórica das experiências passadas, pode-se observar que essa forma de violência não alcançou sucesso político em nenhuma conjuntura anterior, pois não há casos de libertação nacional ou revoluções comunistas desencadeados pela prática de terrorismo.³⁰ Nem mesmo a diversidade de “fins políticos” garantiu o sucesso do terrorismo em estabelecer quaisquer desígnios políticos. Não houve revolução ou construção de novos estados-nacionais promovidos pelo mecanismo terrorista. Ou seja, historicamente, não é possível relacionar na prática o terrorismo com o logro de projetos políticos.

O insucesso do terrorismo é ressaltado por Wellmer em seu estudo sobre a RAF. O autor acredita que a atuação elitista do grupo impede o envolvimento popular com a causa reivindicada, produzindo o efeito contrário do desejado pelos terroristas, isto é, o retraimento político do grupo que faz uso desse tipo de violência. Para Wellmer, a posição vanguardista assumida pelo terrorismo,

³⁰Ainda que se possa argumentar sobre o sucesso político das guerrilhas comunistas, como em Cuba, China, Camboja e Vietnã, não é possível caracterizar essas atuações como terrorismo.

revelada no intento de promover a revolução a qualquer custo, o isola cada vez mais do mundo público. De fato, esse argumento tem todo sentido se for ressaltada a condição restrita da própria estrutura terrorista, que contradiz a sua pretensão de validade geral. Os terroristas querem instaurar a libertação a partir “de cima”, sem a participação da sociedade - os militantes multiplicam-se lentamente, atuam numa comunidade minúscula que funciona pelo elo do secreto, e se o Estado descobre a elaboração do atentado, a operação é desmontada. Os grupos são constituídos por uma espécie de elite, que exerce função de vanguarda revolucionária; são formados por pessoas que vivem para este tipo de atuação. A execução dos ataques não funcionaria em grupos grandes, pois o terrorismo não se caracteriza como partido de massas. Se isso ocorresse, já não seriam mais ataques simbólicos, mas guerra aberta contra o inimigo. Mesmo instigando o apoio de simpatizantes, as ações só podem ser realizadas por um número muito limitado de pessoas; portanto a participação efetiva é muito restrita. Existem redes, como a Al Qaeda, onde os membros do grupo não se conhecem uns aos outros, e nem sequer têm noção do grupo como um todo.³¹

Se, por um lado, não é inválida a perspectiva que aponta para o isolamento político do terrorismo devido a sua atuação vanguardista, por outro, pode-se perceber que há uma outra restrição anterior que prejudica a comunicação entre os agentes terroristas e o público em geral. O problema do desencontro entre intenções e resultados das práticas terroristas não é apenas de estratégia vanguardista - entender-se como guia do processo histórico, colocando-se à frente dos demais na realização daquele -, mas se refere à própria situação histórico-política do período denominado capitalismo tardio, onde o espaço para esse tipo de ação vanguardista diminui progressivamente.

O terrorismo irrompe nesta nova fase do capitalismo; é próprio de um mundo totalmente tomado pela dinâmica do consumo de mercadorias, quando “os produtos doutrina e manipulam”, época em que a alternativa revolucionária, como prevista por Marx, parece ter perdido seu sentido de realização, já que a contradição inicial e estrutural do capitalismo é preterida pela idéia do consumo - “o novo mundo-do-trabalho tecnológico impõe um enfraquecimento da posição negativa da classe trabalhadora: esta não parece ser a contradição viva da

³¹SAINT PIERRE, H., *A Guerra de Todos contra Quem? A necessidade de definir “terrorismo”*.

sociedade estabelecida”.³² Se o capitalismo do século XIX e início do XX pode ser compreendido pela distinção e rivalidade entre empresários e proletários, após a Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir dos “trinta anos gloriosos do capitalismo”,³³ a condição desse regime econômico se modifica. Ao invés de se extinguir devido às irresolúveis contradições internas como supunha Marx, o capitalismo se fortalece com as crises econômicas e permanece progredindo até que a oposição inicial é atenuada pela condição comum atribuída aos indivíduos: patrões e empregados assumem, de modo relativamente estável, o mesmo *status* de consumidor e de espectador.³⁴ Como observa Herbert Marcuse, “A dominação se transfigura em administração. Os patrões e proprietários capitalistas estão perdendo sua identidade como agentes responsáveis; estão assumindo a função de burocratas numa máquina corporativa (...) o véu tecnológico esconde a reprodução da desigualdade e da escravização.”³⁵

Considerando essa distinção entre dois momentos do capitalismo, Guy Debord acredita que a opressão de um grupo dirigente sobre a massa de trabalhadores, própria do primeiro estágio, não se atenuou ou desapareceu com a multiplicação do consumo e instauração de burocracias complexas, mas sim que está disfarçada, produzindo uma situação de maior alienação. Esse período que se pode denominar segunda fase do capitalismo não está isento das contradições inerentes ao sistema, como querem fazer crer os economistas contemporâneos, discípulos de Hayek.³⁶ Para Debord, ainda vigora a premissa marxista: quanto maior o desenvolvimento técnico do regime, tanto mais os proletários serão excluídos do mundo do capital. O autor argumenta que os trabalhadores foram agraciados com a ilusão da igualdade de consumo, o que tornou falsamente tênue a contradição entre empregados e patrões. Sem que essa oposição tenha deixado

³²MARCUSE, H., *A Ideologia da Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional*, p. 49.

³³HOBSBAWM, E., *A Era dos Extremos. O Breve Século XX*, pp. 253-281.

³⁴Marcuse desenvolve reflexões sobre este estado psicológico assumido pelos indivíduos na sociedade industrial avançada, que caracteriza como “consciência feliz”. O autor põe em questão essa situação pacífica instaurada pela sociedade de consumo. “Será essa estabilização ‘temporária’ no sentido de não afetar as raízes dos conflitos que Marx encontrou no sistema capitalista de produção (contradição entre a propriedade privada e os meios de produção e produtividade social), ou será uma transformação da própria estrutura antagônica, que resolve as contradições ao torná-las toleráveis”. MARCUSE, H., *A Ideologia da Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional*.

³⁵Ibid., p.49.

³⁶O discurso neo-liberal hodierno está fundamentado nessa idéia liberal clássica de que a pobreza será proporcional ao desenvolvimento técnico e econômico do sistema capitalista.

de existir, todos foram engolfados pela mercadorização do mundo.³⁷ O autor cunha o conceito de espetáculo para definir esse novo estágio do capitalismo, onde a condição de consumidor estabelece uma falsa dissolução da luta de classes. Debord compreende a contemporaneidade como pseudo-realidade, pois se antes as contradições do capitalismo eram latentes e visíveis, o progresso ocultou sua existência e proclamou o fim das mesmas.

A primeira fase da dominação da economia é bem resumida pelo ‘ser para o ter’, a fase contemporânea é a ‘do ter para parecer’ - o mundo se transforma em imagens - é o contrário do diálogo - representação independente” (...) “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.³⁸

A análise de Debord sobre a sociedade espetacular é útil para o entendimento do terrorismo, considerando que esse é um fenômeno específico da contemporaneidade, cuja própria razão de ser é aparecer. O terrorismo se mostra como espetáculo e usa o meio mais rápido e de maior alcance para se apresentar à sociedade. A valorização da lógica imagética implícita no terrorismo é própria da sociedade industrial avançada, onde o espaço público se torna um grande palco, que não se importa com o que não aparece em cena.³⁹ O terrorismo cumpre as exigências de seu contexto histórico ao ser veiculado como mercadoria visual. No entanto, se o terrorismo desenvolve seu teor formal, tornando-se um grande espetáculo, sua pretensão embutida não deixa de ser política: almeja convencer o público de sua importância e legitimidade. Com sua aparição na mídia, o terrorismo quer tornar compreensível seu conteúdo político através da sua forma espetacular - seguindo a argumentação de Debord, pode-se sublinhar que o terrorismo quer denunciar o espetáculo através do espetáculo.

O problema da realização do terrorismo passa pela seguinte questão: se aos olhos dos protagonistas conteúdo e forma funcionam em conjunto, no mundo público do capitalismo avançado, a forma pode assumir aspecto predominante. Como ressaltou Adorno, sob a lógica da “indústria cultural” vigora uma espécie

³⁷Cf. DEBORD, G., *A Sociedade do Espetáculo*.

³⁸Ibid., p. 18 e 13. Debord define este estado de coisas através da ideia de espetáculo, que não deve ser confundida com a sociedade midiática, embora esta tenha papel fundamental em tal organização social.

³⁹Será retomada a discussão sobre o papel da imagem no uso terrorista da violência, considerando a importância da relação estritamente contemporânea entre evento (imagem), reprodução de imagens (pela mídia) e recepção de imagens (pelo espectador).

de alargamento da esfera da cultura “que filtra o mundo inteiro”,⁴⁰ as coisas aparecem publicamente como produtos culturais, mercadorias a serem absorvidas pelos consumidores. Deste modo, o terrorismo tende a perder seu sentido político para funcionar apenas como uma espécie de entretenimento de mau gosto, um show de imagens sensacionalistas conveniente à mídia exibicionista.

O desacoplamento entre o conteúdo e forma do terrorismo deve-se à situação histórica específica na qual essa prática aparece. Se o exercício de atentados é um acontecimento particular da estrutura do capitalismo tardio, ligado aos discursos e práticas guerrilheiras da década de 1960 e 70, cuja forma espetacular só pode se manifestar a partir do desenvolvimento técnico dos recursos midiáticos; por outro lado permanece preso aos desígnios vanguardistas de promover transformações político-sociais abruptas, mesmo quando essas manifestações políticas alternativas entram em decadência.

O que se observa é que o terrorismo não conseguiu sustentar a descontinuidade entre uma prática violenta nova, realizada pelo formato espetacular, e um conteúdo político velho, que não deixa de operar nos moldes revolucionários, pretendendo realizar mudanças bruscas na sociedade através de irrupções violentas e momentâneas. O termo revolução é relativo não somente à revolução comunista idealizada pelos guerrilheiros marxistas e primeiros terroristas, mas principalmente à idéia de revolução, em sentido geral, de uma inovação extrema da ordem político-social vigente - permanência de um horizonte de expectativas, conforme conceituou Reinhart Koselleck a respeito dessa perspectiva especificamente moderna de orientar-se para o futuro.⁴¹ Os intentos daqueles que exercem terrorismo, desde os marxistas até os religiosos extremistas, referem-se à realização de transformações na sociedade - a idéia de um futuro novo após a vitória pelo terrorismo aponta no sentido de liberdade e novidade, ainda que seja necessário discutir as noções de liberdade daqueles que fazem uso da violência sensacionalista.⁴²

A permanência da pretensão terrorista de instaurar algo novo, de alterar o curso da história através da violência, garante um certo aspecto anacrônico a essa

⁴⁰ADORNO, T; HORKHEIMER, M., *A Indústria Cultural*. In: ___ *Dialética do Esclarecimento*.

⁴¹KOSELLECK, R., *Futures Past*.

⁴²No caso do islamismo um bom exemplo que serve aos revoltosos é a revolução iraniana liderada por Komeini.

manifestação, dada a lógica da sociedade do espetáculo. O terrorismo encontra dificuldades estruturais para realização de suas intenções, pois preserva o caráter revolucionário próprio do primeiro estágio do capitalismo, donde a revolução era justificada pela latente contradição interna daquele sistema e pela visível luta de classes. A atualização do discurso marxista, pela via da interpretação guerrilheira, concede aos terroristas a compreensão de que o mundo permanece submerso na antiga luta pelo fim da exploração de classes, a qual é necessário decretar o fim, pela imposição de armas. Desse modo, as intenções vanguardistas do terrorismo encontram justificativa na sua filiação guerrilheira, embora o discurso marxista nem sempre seja empregado. O que importa nessa ligação, é que o terrorismo, independentemente da adesão à idéia da luta de classes, promove a reabilitação do discurso sobre a possibilidade de transformações históricas num momento histórico em que há crescente conformação com a sociedade capitalista democrática.⁴³

Portanto, a incoerência do terrorismo foi a de supervalorizar a forma espetacular, recurso através do qual o terrorismo adequava-se à sua contemporaneidade imagética, ao mesmo tempo em que mantinha uma orientação revolucionária, cuja intuição era desencadear transformações histórico-políticas. Essa incongruência aparece progressivamente quando as alternativas ao sistema capitalista encontram-se esvaziadas com a afirmação da hegemonia do modelo norte-americano liberal-democrático. Ou seja, quando ao final da guerra fria diminui o espaço para relutar contra a implementação das democracias capitalistas que se apresentam como realização da história. Desde então, a possibilidade de implementação de qualquer novidade política no mundo contemporâneo parece cada vez mais remota.

Se fosse possível assumir a versão de Baudrillard sobre o terrorismo, que privilegia as performances cênicas dos atentados, perceber-se-ia que a incoerência estrutural do fenômeno está, de certo modo, no mesmo plano da discrepância entre a modernidade e o que se denomina pós-modernidade. Fundado em pretensões modernas de instaurar a novidade política através de luta armada, o terrorismo aparece no espaço público como se fosse um ato casual, como um

⁴³De certo modo, o caráter voluntarista de intervenção histórica perde-se com a noção da irresistibilidade da revolução e do processo histórico como um todo. Cf. ARENDT, H. *Da Revolução*.

acidente, sem sujeito ou objeto. Ou seja, a indefinição de alvos e a aleatoriedade das vítimas, espaço e tempo concedem ao terrorismo um ar de pós-modernidade.⁴⁴ Pode-se estabelecer a dita desconexão apenas como um descompasso entre idéias dos revolucionários e as da sociedade de massas, ressaltando a diferença entre ambas no que se refere à perspectiva diante do futuro. Aos revolucionários o futuro aparece como um “horizonte de expectativas”, havendo a possibilidade de desencadear alterações histórico-políticas; enquanto, na sociedade contemporânea, o tempo presente apresenta-se como eternidade, dado o fortalecimento do discurso democrático-capitalista.⁴⁵

Debord ressalta essa característica de estagnação política da sociedade do espetáculo, destacando que a sociedade se apresenta de tal modo que parece não haver mais espaço para a realização de transformações sociais bruscas. Observando uma distinção entre dois momentos históricos no desenvolvimento da sociedade do espetáculo, Debord aponta o progressivo avanço do presentismo na contemporaneidade. No primeiro momento, relativo ao período da Guerra Fria, o autor supõe a existência de dois tipos de sociedade espetacular: a concentrada, vigente nos casos da Rússia e da Alemanha; e a difusa, representada pela sociedade norte-americana. No período seguinte, instaurado com a decadência dos regimes totalitários, Debord percebe a formação da sociedade espetacular integrada, onde o modelo democrático norte-americano persiste como se fosse o melhor e ideal para todo o mundo. “A sociedade modernizada até o estágio do espetáculo integrado se caracteriza pela combinação de cinco aspectos principais: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico-estatal, o segredo generalizado, a mentira sem contestação e o presente perpétuo.”⁴⁶

Com essa constatação de que a sociedade contemporânea - ou espetacular integrada, como quer Debord - sustenta-se na idéia de presente eterno, almejando vetar as possibilidades de transformações futuras, pode-se destacar a decadência daquele horizonte de expectativas, que segundo Koselleck, caracteriza a

⁴⁴BAUDRILLARD, J., *A Sombra das Maiorias Silenciosas ou o Fim do Social*.

⁴⁵Nesse sentido, o uso da expressão “fim da história” para designar esse presente que se quer eterno pode ser entendido como mais uma aquisição desse sistema. O pretendido não é considerar o contexto histórico atual como fim da história, vetando qualquer contingência dos acontecimentos, mas sim, ressaltar a relação entre a afirmação das democracias capitalistas e seu modelo político que se quer perfeito e universal com o discurso de realização da história.

⁴⁶DEBORD, G., *A Sociedade do Espetáculo*, p.175.

modernidade.⁴⁷ A desconexão entre conteúdo e forma do terrorismo refere-se, então, a essa dificuldade estrutural de provocar mudanças históricas, considerando esse avanço da perspectiva presentista, a partir da qual se quer fazer crer sobre a qualidade superior do procedimento democrático como meio de promover a resolução de conflitos e alterações na ordem vigente.⁴⁸ Assim, não se pode concordar que o problema para a efetivação das intenções terroristas esteja relacionado apenas à sua estratégia vanguardista e às suas táticas violentas; antes, há razões históricas que impõem obstáculos ao sucesso político do terrorismo.

O caso do grupo basco ETA, relatado anteriormente, exemplifica essa situação. No momento em que a opressão era evidente, devido à conjuntura ditatorial, o uso da violência era considerado legítimo pela população civil - o atentado contra o Almirante Carrero Blanco foi considerado bem-vindo. No entanto, com a posterior reinstauração da democracia, a sensação de liberdade e a acomodação consumista tornaram cada vez mais inapropriado o enfrentamento violento.⁴⁹

O terrorismo, por sua vez, alega a falsidade da democracia contemporânea e permanece atuando de forma violenta. Mas o índice de rejeição em relação a essa forma de uso da violência cresce progressivamente, mostrando que quanto maior a afirmação da democracia, mais efetiva se torna a condenação pública ao terrorismo.⁵⁰ Debord interpreta essa relação entre terrorismo e democracia da

⁴⁷KOSELLECK, R., *Futures Past*.

⁴⁸O terrorismo além de querer instaurar novidades, pretende fazê-lo através da violência, forma de política completamente marginalizada na sociedade democrática. Embora não realize suas pretensões políticas - e há quem argumente sobre a pseudo-politicidade das mesmas - o terrorismo, em si, constitui um problema político para a democracia. Não se trata de vê-lo como manifestação de frustração, desesperança ou irracionalidade, mas, sim, de compreender o problema como sintoma da estrutura dessa sociedade democrática. Por isso, o interesse deste trabalho é mostrar a especificidade histórica e formal deste tipo de violência política, para compreender o sentido da questão. Julgar as suas pretensões e métodos apenas sob uma perspectiva moralista não resolve o problema de seu aparecimento; ou seja, condenar o terrorismo não torna irrelevante sua existência. O banimento do terrorismo da esfera política seria somente uma tentativa ingênua de ignorar o incômodo, como se a falta de atenção sobre tal fato fosse eliminá-lo. Entretanto, ocorre exatamente o contrário: a estupidez moral do terrorismo impõe a necessidade, por parte da comunidade política, de compreendê-lo, na medida em que ele aparece na sociedade democrática como uma oposição formal a esta.

⁴⁹Conforme desenvolveu Debord, o espetacular integrado instaurou uma idéia de liberdade em que todos pensam decidir tanto o que querem comprar, quanto quem deve governar um país, embora nunca seja colocado em questão o próprio significado da compra ou do Estado. DEBORD, G., *A Sociedade do Espetáculo*.

⁵⁰A maior aprovação da democracia tem relação com o desenvolvimento de uma consciência humanista, mas, sobretudo, é referente à idéia de igualdade. Pensa-se que não há mais preciso utilizar a violência porque todos têm semelhante possibilidade de participação política: são eleitores e consumidores. O conceito de “consciência feliz” de Marcuse exemplifica bem esse

seguinte maneira: quanto maior a rejeição ao terrorismo, mais valorizada será a democracia. Em 1988, num comentário sobre sua obra “A Sociedade do Espetáculo”, o autor mostra o quão interessante é para o Estado democrático a existência do terrorismo, pois diante desse inimigo ele se torna a melhor opção. “As populações não podem saber tudo a respeito do terrorismo, mas podem saber o suficiente para ficar convencidas de que em relação a esse terrorismo, tudo mais lhes deve parecer aceitável, ou, no mínimo, mais racional e mais democrático.”⁵¹

De fato, alguns governos democráticos utilizam o medo do terrorismo para se auto-afirmar e adotar medidas repressoras, que restringem a liberdade civil. Isso mostra como o terrorismo e a democracia aparecem como as duas faces opostas de uma mesma moeda - ambos conseguem se valorizar com a existência do outro. No caso do terrorismo, sua dificuldade de realização com a afirmação da democracia também é aquilo que lhe sustenta a existência.

Após o declínio das expectativas de superação do capitalismo, com o fracasso dos países que sustentavam vias alternativas, o mundo esteve cada vez mais cético quanto às reações ao sistema. Constatando a diferença entre o contexto histórico em que atuavam os grupos terroristas nas décadas de 1960-70 e um outro posterior, em que os terroristas permaneceram em atividade, movidos pelos ideais vanguardistas, nota-se como essa atividade adquiriu um certo aspecto de anacronia. No primeiro momento, a condição da guerra fria, marcada pela situação de opressão explícita vivida nas ditaduras dos países latino-americanos e ibéricos, reforçada pela crise terceiro-mundista e pelos processos de descolonização, abria a possibilidade de contestação ao capitalismo. A existência de alternativas reais ao sistema - Cuba, China, URSS - também mantinha a esperança de realização de qualquer política anti-imperialista. Posteriormente, quando se afirmou aquilo que Debord denominou como espetáculo integrado, não só houve uma superestimação da democracia, como as imagens do terrorismo passaram a aparecer isoladas, desconectadas de seu conteúdo, sem comunicação com o espaço público.

esvaziamento da revolta pública - já que a opressão patronal está esvaziada na burocracia sem identidade - que historicamente permitiu a irrupção de movimentos revolucionários. MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional.*

⁵¹DEBORD, G., *A Sociedade do Espetáculo*, p. 185.

A preocupação excessiva com a forma espetacular, induzida pela sociedade midiática de massas - tanto pelo lado dos que elaboram as ações, quanto pelo dos receptores -, ofusca o conteúdo político do terrorismo, produzindo seu desligamento com a forma dos atentados, o que dificulta a sua realização. Ocorre que o desenvolvimento técnico da violência e da reprodução de imagens promoveu a desconexão entre o conteúdo e a forma terrorista inibindo a efetivação dos seus objetivos. Esses elementos fundadores do terrorismo, que deveriam funcionar em conjunto, conforme as pretensões de seus protagonistas, considerando que através da forma espetacular deveriam vir à tona suas reivindicações políticas propiciando a situação ideal para as mudanças sociais almejadas com o exercício da violência, aparecem dissociados entre si na sociedade de massas contemporânea. Devido ao papel que assume junto ao espetáculo, desenvolvendo extremamente sua característica sensacionalista, o terrorismo aparece na esfera pública através da sua forma exibicionista. Isso ocasiona maior destaque para o seu aspecto formal em detrimento do seu aspecto político. Ou seja, ao público contemporâneo, o terrorismo não se apresenta como pretende; como um mecanismo que combina a pretensão de alcançar “fins políticos” e a violência espetacular. O sobressalente caráter formal do terrorismo, propiciado pela conjuntura espetacular contemporânea, contribui para que essa manifestação pareça vigorar sem fins políticos. O que se percebe é que a divulgação da imagem não está necessariamente ligada à popularização do conteúdo político do terrorismo. Na sociedade do espetáculo, uma sociedade imersa na ilusão do consumo de mercadorias e estabilizada pelo ideal democrático, o terrorismo, pretensamente libertário, encontra dificuldades para alcançar seus objetivos porque parece não haver lugar para a idéia de revolução ou transformações abruptas e violentas. Por essa razão, é possível constatar que as intenções, motivos ou causas subjacentes aos atentados não se realizam conforme as conseqüências previstas pelos protagonistas do terrorismo.

Considerando a bibliografia sobre o tema, constata-se na prática a desconexão entre esses dois aspectos fundamentais do terrorismo, visto que alguns autores enfatizam os problemas referentes ao conteúdo político e outros as questões relativas à forma espetacular. Se isso ocorre pelas preferências teóricas dos trabalhos, já que os mais tradicionais discutem as razões políticas e os menos, os efeitos das imagens; isso também demonstra ainda esse descompasso estrutural

do terrorismo, diante do qual os autores acabam por optar ora pelo exame do conteúdo, ora pela observação da forma. Quando o terrorismo aparece como manifestação revolucionária, que se pretende como ponta de lança de transformações sociais e, ao mesmo tempo, como cena espetacular, mercadoria visual, entretenimento sensacionalista, torna complexa a tarefa de compreendê-lo e conceituá-lo.

O reflexo desse descompasso do terrorismo pode ser constatado concretamente nas diversas mobilizações contra o seu exercício. A tendência pública é condenar esse tipo de atividade e considerar os motivos políticos implicados nos atentados como questão independente do uso da violência - conteúdo e forma não aparecem conectados. Na prática, mesmo quando o público é informado sobre o conteúdo político, isso não legitima o exercício da violência terrorista; visto que, no máximo, passam a ser entendidos como dois problemas diferentes. Por exemplo, o fato de o ETA praticar terrorismo não está resolvendo o problema do nacionalismo basco; ao invés de alcançar a independência, o terrorismo desencadeia mais um problema na esfera política contemporânea, pois com as atividades violentas desse grupo o desacordo na Espanha passa a existir em dois níveis: o do nacionalismo e o do terrorismo. A constatação prática é de que o uso dessa violência sensacionalista tem proporcionado o desencadeamento de abruptas transformações sociais e políticas na sociedade capitalista. Ao contrário da realização dos anseios revolucionários, o terrorismo tem provocado reações contrárias no espaço público como a condenação desse tipo de atividade e negação de suas razões políticas.

Entretanto, a persistência do terrorismo, seu uso constante no Oriente Médio, e a intensificação das ações de alto efeito simbólico, como o atentado aos EUA em 2001, o bombardeio à sede da ONU no Iraque e o recente ataque aos trens *madrileños* não permitem que nenhum estudioso conclua sobre o fracasso desse tipo de violência. Portanto, a partir do esforço feito até então, de esclarecer as características fundamentais do terrorismo, buscando uma conceituação para o tema, é necessário pensar sobre o significado político dessa manifestação. A execução de tal tarefa é estimulada pela duvidosa questão: o terrorismo produz algum efeito político para além das suas intenções iniciais no espaço público em que aparece?

Constatando-se a dificuldade histórica de realização das idéias libertárias dos movimentos, tendo em vista o desencontro entre os projetos dos grupos e os anseios da sociedade do capitalismo tardio, resta refletir sobre a possibilidade de as imagens de violência explícita promoverem algum tipo de *efeito* político para além dos almejados pelos terroristas.

Trata-se de analisar as possibilidades abertas pela divulgação das imagens dos atentados, a partir da indagação sobre o significado assumido pelo terrorismo na sociedade industrial avançada. Ao perceber que o acesso instantâneo e global do terrorismo às massas não garante o sucesso das intenções políticas que subjazem ao uso deste tipo de violência, uma vez que o atentado corre o risco de ser consumido como uma mercadoria entre as demais - os noticiários televisivos conseguem “informar” num mesmo bloco sobre um atentado terrorista, um assalto e um novo filme de ação com efeitos especiais -, pode-se perguntar se o terrorismo consegue ou não estimular, através das suas imagens sensacionalistas, o pensamento crítico do espectador, funcionando como afirmação da sociedade do espetáculo ou como negação da mesma.